

or. Ben. Brasil

Marcílio descarta a dolarização

Luiz C. dos Santos — 3/2/92

BRASÍLIA — O ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, garantiu ontem a dezenas de empresários japoneses da Keidaren ter "indícios de que a economia chegou ao fundo do poço". Marcílio descartou qualquer possibilidade de se usar o "câmbio como âncora" da política econômica (dolarização). "Acabou a tempestade, mas a âncora só será lançada quando chegarmos ao porto", afirmou. Depois do encontro, o ministro revelou que o representante do Banco de Importação e Exportação do Japão (Eximbank) lhe garantiu que estão adiantados os estudos para a concessão de financiamentos de US\$ 1,7 bilhão a projetos brasileiros. Disse ainda que a Overseas Economic Corporation Fund (OECF), entidade do governo japonês dedicada a financiar o desenvolvimento de países pobres, só espera o Congresso brasileiro aprovar o acordo com o Clube de Paris para conceder novos financiamentos.

Por mais de uma hora, Marcílio explicou aos japoneses a política econômica brasileira e enfrentou, a portas fechadas, várias perguntas que exigiram diplomacia nas respostas. Um dos empresários japoneses foi direto ao assunto: Qual a garantia de que o governo brasileiro não iria mudar as regras do jogo para o capital estrangeiro, principalmente na legislação que regula a saída de dólares e ienes investidos aqui?

Marcílio ouviu afirmações de que outros países tratam melhor o capital estrangeiro que o Brasil e na própria América Latina existem países com Imposto de Importação menor que as taxas brasileiras (caso do México). O ministro afirmou que o Brasil está

reduzindo seu Imposto de Importação de forma gradativa e que de forma alguma existe interesse do governo em estrangular a indústria nacional, como chegou a acontecer em países que abriram sua economia com muita rapidez. Marcílio disse aos empresários japoneses que o Brasil é um mercado melhor para eles, já que o México fez um acordo comercial com os EUA, abrindo as portas aos produtos norte-americanos e vice-versa.

Gros — O presidente do Banco Central, Francisco Gros, teve que repetir muitas vezes aos japoneses o que vem falando internamente desde que assumiu o cargo, no ano passado: A sociedade brasileira está convencida de que só sairá da crise com o sacrifício de um corte nas despesas e aumento das receitas públicas, sem soluções mágicas, como os desgastados congelamentos ou os novos modismos, a exemplo da dolarização pregada por alguns economistas.

Diante da insistência de alguns empresários do Keidaren em lembrar que o país enfrenta sérios problemas sociais, Gros foi franco, argumentando que estes problemas existem e que levarão muito tempo para serem resolvidos. "Este é o Brasil real, um país como outro qualquer, que tem problemas mas tem também coisas boas", respondeu Gros.

Como vantagens, ele apontou a firme decisão do governo e da sociedade brasileira de seguir avante no programa de ajustamento, que prevê equilíbrio nas contas públicas, privatização, abertura da economia e normalização das relações com a comunidade financeira internacional.



Gros: sem soluções mágicas

"Esta é a principal mudança ocorrida no Brasil e tenho dúvidas se esta percepção chegou à comunidade internacional", disse.

O presidente do conselho de administração da Nissin Steel Co, Ken-suke Koga, argumentou com Gros que mesmo nas economias avançadas há intervenção do Estado, pois ele tem tarefas a cumprir. Lembrou, por exemplo, que o principais preceitos do capitalismo é a necessidade de infra-estrutura e há setores em que a iniciativa privada não pode assumir os investimentos. Segundo Koga, os empresários brasileiros e governo precisam chegar a um consenso sobre o rumo que o país deve seguir, pois só assim avançará no desenvolvimento.